



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**O PATRIARCALISMO EM LAVOURA ARCAICA DE RADUAN  
NASSAR**

**MARIA DO SOCORRO SILVA**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2019**

**MARIA DO SOCORRO SILVA**

**O PATRIARCALISMO EM LAVOURA ARCAICA DE RADUAN  
NASSAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

**Orientador:** Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição

**CATOLÉ DO ROCHA/PB  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, Maria do Socorro.  
O patriarcalismo em lavoura arcaica de Raduan Nassar  
[manuscrito] / Maria do Socorro Silva. - 2019.  
26 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Ciências Humanas e Agrárias, 2019.  
"Orientação : Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição ,  
Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."  
1. Lavoura arcaica. 2. Patriarcalismo. 3. Tempo. I. Título  
21. ed. CDD 869.935

MARIA DO SOCORRO SILVA

O PATRIARCALISMO EM LAVOURA ARCAICA DE RADUAN  
NASSAR

Aprovado em: 04 / 12 / 2019

BANCA EXAMINADORA

Auribio Farias Conceição

Prof. Prof. Dr. Auribio Farias Conceição – UEPB/CAMPUS IV

(Orientador)

Fábio Pereira Figueiredo

Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo – UEPB/CAMPUS IV  
(Examinador)

Joana Áurea Cordeiro Barbosa

Profa. Dra. – Joana Áurea Cordeiro Barbosa UEPB/CAMPUS IV  
(Examinador)

A minha filha, Isabella, eu dedico.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus que sem ele eu não teria chegado tão longe, pelo dom da vida e as maravilhas que ele tem feito durante todos esses anos.

Aos meus pais, Antônio e Alice, por seus ensinamentos de amor e carinho, na luta sol a sol para ensinar que através da humildade e fé posso conquistar o que eu quiser.

A minha filha Isabella por ser minha inspiração de todos os dias de minha vida, principalmente nessa caminhada da vida acadêmica.

Aos meus irmãos, que sempre acreditaram no meu sonho e torciam por esta conquista.

Ao meu orientador, Auríbio Farias, por toda compreensão, paciência, incentivos, correções e por ter aceitado construir junto comigo este trabalho.

A minha família de Catolé do Rocha, que me recebeu de braços abertos em nome da minha tia Maria José, que nunca poupou esforços para me ajudar.

Aos meus amigos e irmãos, que acreditam nos meus sonhos em especial a Amanda Sousa, Cléia Cavalcanti, Cleide Sousa, Débora Cavalcanti, Erivaldo Monteiro, Fantillany Pereira, João César, Rute Fernandes e Rachel Fernandes.

As minha amigas Amanda, Hyoucoama, Janimeyre, Laysa, Rayane e Tiago. os demais colegas de curso, pelas risadas e as brigas, porém nunca deixaram de apoiar e incentivar.

Aos professores do curso de Licenciatura Plena em Letras que passaram pela minha formação acadêmica, em especial a Eliene Alves por todas as palavras de incentivo que me fizeram ir além e acreditar no meu potencial, e a Maria Fernandes por me nortear por caminhos que me fizeram chegar até aqui.

Aos funcionários, Francisco Neto por toda atenção e a Sandra por todo o carinho e cuidado.

Aos professores que aceitaram compor a banca examinadora deste trabalho.

Aos alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, campus Catolé do Rocha, por toda a ajuda, as palavras de incentivo e carinho durante essa caminhada.

A Capes, pelo auxílio durante o programa Residência Pedagógica.

Aos alunos do 1º ano do Ensino Médio “A” ,a orientadora Marta Lúcia e a Preceptora Calline Martins do Programa Residência Pedagógica.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma torceram comigo para a realização desse sonho.

# O PATRIARCALISMO EM LAVOURA ARCAICA DE RADUAN NASSAR

Maria do Socorro Silva

**RESUMO:** O presente trabalho realiza um estudo sobre a obra *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar, que tem dentro da literatura brasileira um espaço muito peculiar por suas qualidades poéticas. É um romance atual, apesar de ter sido escrito em 1975, com uma linguagem que transita entre a poesia e a prosa de uma maneira muito específica e abrindo possibilidades de trabalhar com temas polêmicos como é o caso do incesto, do patriarcalismo, da religiosidade, entre outros. O objetivo desta pesquisa é analisar a relação entre o patriarcalismo e o tempo na obra *Lavoura Arcaica*. Para isso adotou-se como percurso metodológico fundamentalmente a pesquisa bibliográfica, compreendida como o suporte documental da obra de referência e de outras obras que abordam essas questões e temáticas que cercam a obra *Lavoura Arcaica*, trazendo como principais teóricos Compolino (2011), Leviski (2011), Postay (2013), Cordeiro (2016), Freyre (2003) e Eliade (1992). A relevância desse trabalho é contribuir com outros trabalhos já realizados, permitindo que outras pessoas tenham acesso a uma análise mais recente e com outras interpretações acerca dessa obra tão envolvente, porém pouco trabalhada, a fim de analisar o patriarcalismo como um comportamento que é cultivado até os dias atuais. Percebe-se ao final da pesquisa que na obra *Lavoura Arcaica* o patriarcalismo presente durante todo o enredo é a estrutura da família, família essa agrícola que tem a figura do pai como centro da unidade familiar, e diante da queda do patriarca ocorre como resultado a desestruturação desse núcleo.

**Palavras-chave:** Lavoura Arcaica. Patriarcalismo. Tempo.

**ABSTRACT:** The present research makes a study about Raduan Nassar 's *Lavoura Arcaica*, which has a very peculiar space within the Brazilian literature for its poetic qualities. It is a very current novel, although it was written in 1975, with a language that moves between poetry and prose in a very specific way and opening possibilities to work with highly controversial themes such as incest, patriarchalism, religiosity, among others. The objective of this research is to analyze the relationship between patriarchalism and time in the study *Archaic Lavoura*. For this, the bibliographical research was adopted as the methodological approach, understood as the documentary support of the reference work and other researchs that address these issues and themes surrounding the work *Lavoura Arcaica*, bringing as main theorists Compolino (2011), Leviski ( 2011), Postay (2013), Lamb (2016), Freyre (2003) and Eliade (1992). The relevance of this research is to contribute to other research already done, allowing other people to have access to a more recent analysis and other interpretations about this study that is so engaging, but little worked, in order to analyze patriarchalism as a behavior that is cultivated until the present day. It is clear at the end of the research that in the work *Lavoura Arcaica* the patriarchalism present throughout the plot is the structure of the family, this agricultural family that has the father figure as the center of the family unit, and facing the fall of the patriarch occurs as a result. disruption of this core.

**Keywords:** Lavoura Arcaica. Patriarchalism. Time.



## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	O AUTOR E O ESTADO DA ARTE DE LAVOURA ARCAICA.....	11
3	O PATRIARCALISMO EM LAVOURA ARCAICA.....	14
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
	REFERÊNCIAS.....	25

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho realiza um estudo sobre a obra *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar, que tem dentro da literatura brasileira um espaço muito peculiar por suas qualidades estéticas. É um romance bastante atual, apesar de ter sido escrito em 1975, com uma linguagem que transita entre a poesia e a prosa de uma maneira muito específica e abrindo possibilidades de trabalhar com temas altamente polêmicos como é o caso do incesto, do patriarcalismo, da religiosidade, entre outros.

Dessa forma o objetivo desta pesquisa é analisar a relação entre o patriarcalismo e o tempo na obra *Lavoura Arcaica*. Nessa obra se percebe como bastante evidente a temática do patriarcalismo, cuja representatividade é a figura do pai, que traz em seu discurso e suas posições a presença do patriarcalismo, pelo entendimento de que ele é senhor de tudo, usando discursos para que a família siga suas regras, porém a prepotência do pai não impede que, no comportamento de membros de sua família, ocorra uma inversão do que ele prega e uma fuga de seus preceitos religiosos. Aqui também se pretende analisar de que forma o tempo está inserido nas ideias e nos sermões do pai e na trajetória do personagem André.

A relevância desse trabalho é contribuir com outros trabalhos já realizados, permitindo que outras pessoas tenham acesso a uma análise mais recente e com outras interpretações acerca dessa obra tão envolvente, porém pouco trabalhada, a fim de analisar o patriarcalismo como um comportamento que é cultivado até os dias atuais.

Para isso tem-se como percurso metodológico fundamentalmente a pesquisa bibliográfica, compreendida como o suporte documental da obra de referência e de outras obras que abordam essas questões e temáticas que cercam a obra *Lavoura Arcaica*. Durante esse percurso, primeiramente buscou-se conhecer o autor e a leitura da obra em questão. Após foi realizada uma pesquisa para dar conta da fortuna crítica sobre a obra em questão e por fim discussões sobre as temáticas que emergiram do contato mais aprofundado com a obra.

Essa pesquisa é dividida em 3 (três) tópicos. Tendo como primeiro e o segundo capítulos a pesquisa sobre o autor Raduan Nassar, trazendo a trajetória de sua vida acadêmica, as obras produzidas e o contexto histórico no qual ele está inserido. Faremos também uma apresentação da obra através de narrativas entrecruzadas

com considerações sobre a mesma, traremos a fortuna crítica de *Lavoura Arcaica*, através de um estado da arte, acerca do que já foi escrito até os dias atuais, tendo como principais teóricos Compolino (2011), Leviski (2011), Postay (2013), e Cordeiro (2016) que abordam os temas do patriarcalismo,

No terceiro capítulo trataremos do conceito de patriarcalismo e como esse comportamento está presente na obra, fundamentado em Freyre (2003) que fala sobre como se deu a criação da sociedade patriarcal brasileira, Eliade (1992) que traz a oposição entre o sagrado e o profano, por meio do indivíduo partindo de uma relação de comparação entre o comportamento do homem religioso do homem não religioso e identificação do tempo e sua inserção na obra dentro nos sermões do pai, embasado pelo teórico Benjamin (1994), uma ligação indispensável entre as experiências históricas e as experiências temporais, em um conceito de ver o tempo nos mais diversos contextos sendo ele político, estético e histórico.

## 2 O AUTOR E O ESTADO DA ARTE EM LAVOURA ARCAICA

a) O autor Raduan Nassar nasceu em São Paulo no dia 27 de novembro de 1935. Romancista e contista de família Libanesa, ele inicia seus estudos na cidade natal de Pindorama em 1943. Cursa o ginásio no colégio estadual de Catanduva, a partir de 1947, motivo esse que leva a família mudar-se para esta cidade. Em 1955 ingressa na faculdade de direito do Largo São Francisco e no curso de Letras ambos na Universidade de São Paulo. Sua formação, entretanto é em Filosofia curso iniciado em 1957 na mesma faculdade (NASSAR, 2019).

Em 1961 ele viaja para o Canadá e para os Estados Unidos da América, afastando-se temporariamente dos estudos. Nessa época escreve o conto Menina a caminho. De volta ao Brasil retoma o curso de Filosofia e o conclui em 1963. Após a conclusão do curso de Filosofia, viaja para a Alemanha ocidental com o objetivo de aprender o idioma local. No entanto logo retorna ao Brasil, após tomar conhecimento do golpe militar (NASSAR, 2019).

Em 1967 funda com os irmãos o jornal do bairro. No ano seguinte inicia a leitura do alcorão. Em 1970 escreve a primeira versão de Um Copo de Cólera. Em 1975, com a ajuda financeira de José Olympio publicou Lavoura arcaica. O livro ganhou, em 1976, o prêmio Coelho Neto para romance da Academia Brasileira de Letras, como também o prêmio Jabuti (NASSAR, 2019).

Em 2001 foi lançado o filma Lavoura Arcaica pelo diretor Luiz Fernando Carvalho. O filme ganhou muita repercussão no Brasil e no exterior e firmou-se como uma produção de grande significância para o cinema brasileiro. No ano de 2016 recebeu o prêmio Camões (NASSAR, 2019).

Após escrever os dois grandes romances Lavoura Arcaica e Um Copo de Cólera ele declarou publicamente que iria parar de escrever, pois escrevia movido por uma paixão e essa paixão se transformou em outras paixões. A partir dessas declarações ele vai morar no interior de São Paulo, em que passa a criar animais e a trabalhar com a agricultura (NASSAR, 2019).

b) O estado da arte se define como uma busca sistemática das produções realizadas sobre uma determinada temática, contribuindo para uma crítica avaliação das produções científicas, assim como perceber os avanços da pesquisa. De acordo com Ferreira (2002), essas pesquisas são de caráter bibliográfico, em que ocorre a

discussão e o mapeamento de uma determinada “produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares” nas variadas bases de dados.

As pesquisas estado da arte têm seu número aumentado nas produções científicas e diversos são os fatores que estão contribuindo para esse fenômeno. Romanowski e Ens (2006) discorrem sobre alguns desses fatores quando diz:

O interesse por pesquisas que abordam “estado da arte” deriva da abrangência desses estudos para apontar caminhos que vêm sendo tomados e aspectos que são abordados em detrimento de outros. A realização destes balanços possibilita contribuir com a organização e análise na definição de um campo, uma área, além de indicar possíveis contribuições da pesquisa para com as rupturas sociais. A análise do campo investigativo é fundamental neste tempo de intensas mudanças associadas aos avanços crescentes da ciência e da tecnologia.

Partindo do conhecimento acima, sobre a obra *Lavoura Arcaica* foram encontradas cerca de 13.900 resultados, porém no que se refere aos temas patriarcalismo e o tempo foram encontrados 853 resultados. Desses trabalhos produzidos selecionou-se 4 (quatro) autores que se dedicaram ao estudo da obra e poderão passar, através de suas publicações, interpretações importantes acerca de temas polêmicos que contribuem para o conhecimento e também o reconhecimento de uma obra literária pouco conhecida.

As teses aqui apresentadas irão falar sobre o patriarcalismo e o tempo, em que eles corroboram entre si com ideias parecidas, porém com algumas peculiaridades, assim:

Cordeiro (2016), cuja tese intitulada *A volta para casa: patriarcalismo e violência em lavoura*, de Raduan Nassar, apresenta em seu estudo a obra no viés historiográfico, em que coloca posições de vários autores acerca da construção do sujeito André na obra, seguindo uma linha da filosofia e da psicanálise, que mostra que a narrativa do personagem André tem uma ligação com a parábola do filho pródigo. Traz a presença do patriarcalismo, como também o cenário e a representação dos personagens que são inseridos dentro do núcleo patriarcal.

O artigo de Postay (2013), *A história dos nomes: patriarcalismo em lavoura arcaica*, publicado em uma revista da CAPES, aborda sobre a tradição paternalista e

a influência dos nomes bíblicos na obra, e ao mesmo tempo o discurso religioso ocidental, em que se coloca o exame da onomástica e da investigação tanto da etimologia hebraica quanto da árabe, em que a autora faz uma ligação dos nomes inter-relacionados com a cultura patriarcalista junto ao discurso religioso.

Leviski (2011) define o romance entre esquerda e direita, representando respectivamente, tradição e liberdade, valores masculinos e femininos, autoridade e uma análise sobre a obra como um todo e as emoções expressadas pelos personagens. O excesso do pai, o isolamento quase total do mundo, a aproximação incondicional entre os membros da família, e a tragédia são temas percorridos por Leviski.

Para Compolino (2011) a trama do romance aparece o contraditório do ser humano e suas posições, envolve o amor e o ódio, a autoridade e a repressão, a tradição e a transformação, a união e a cisão, a morte e a vida. Ainda defende que o conflito central está no confronto entre pai e o filho André, que sai de casa. A autora coloca que o romance se volta para lutas simbólicas na rivalidade entre pai e filho, que promove a decadência da família patriarcal.

### 3 O PATRIARCALISMO EM LAVOURA ARCAICA

O romance *Lavoura Arcaica* vai contar a história de André, membro de uma família de origem libanesa, rural, extremamente patriarcal com rígidos códigos morais e éticos, narrado em primeira pessoa sendo ele o protagonista da narrativa. Esse romance possui 30 capítulos, é estruturado em duas partes: a partida e o retorno.

A história inicia com o personagem André que se encontra em um tempo distante dos fatos ocorridos em um quarto de pensão no interior. André é o filho que abre guerra contra as leis do pai e se declara profeta de sua própria história e foge de casa. Ele recebe a visita de seu irmão mais velho o primogênito Pedro, que por meio da contemplação interior de si mesmo ele faz descobertas sobre a essência e apropria-se da significação desses acontecimentos sobre os quais ele está falando as suas lembranças.

André explica a sua oposição às leis estabelecidas pelo pai, às situações de solidão e miséria em que o mesmo viveu, e conta ao irmão que é epilético e do amor e desejo que tem por sua irmã Ana. Pedro por sua vez fala da tristeza da mãe e de suas irmãs e convence-o a voltar para casa.

A sua volta para casa traz alegrias, porém sua insatisfação daquele núcleo não desaparece quando relembra dos sermões do pai a mesa, a lembrança da presença do avô, a conversa com o pai, em que o mesmo expõe as suas ideias, argumenta sobre a forma de tratamento do pai e é duramente repreendido. Sua insatisfação parece não ter limites no que toca a esse patriarcalismo dentro desse núcleo familiar.

André mostra que o desejo sexual pela irmã parece ser a fonte de toda a sua satisfação. Em vários momentos ele relata que sempre está à procura de Ana. Ele provoca na família emoções, desde o seu amor ardente por Ana, como o incentivo ao irmão mais novo, Lula, que também tem desejo de fugir daquela casa.

O pai ordena que seja realizada uma festa para festejar o retorno do filho. Durante a comemoração Ana surge com adereços que André guardava numa caixa, lembranças de suas andanças mundanas. De forma sexual Ana dança, ao som de flautas. Nesse momento é revelado ao pai por Pedro o amor entre Ana e André, e eis que acontece uma desgraça na família: o pai atinge a filha com um alfanje e em

seguida ele sofre um infarto e vem a óbito. André termina a narrativa com um sermão de seu pai.

Em memória de meu pai, transcrevo suas palavras: "e, circunstancialmente, entre posturas mais urgentes, cada um deve sentar-se num banco, plantar bem um dos pés no chão, curvar a espinha, fincar o cotovelo do braço no joelho, e, depois, na altura do queixo, apoiar a cabeça no dorso da mão, e com olhos amenos assistir ao movimento do sol e das chuvas e dos ventos, e com os mesmos olhos amenos assistir à manipulação misteriosa de outras ferramentas que o tempo habilmente emprega em suas transformações, não questionando jamais sobre seus desígnios insondáveis, sinuosos, como não se questionam nos puros planos das planícies as trilhas tortuosas, debaixo dos cascos, traçadas nos pastos pêlos rebanhos: que o gado sempre vai ao poço. (Nassar, 2002, p.161)

André, como já dito, era filho de uma família extremamente apegada às tradições libanesas e cristãs, sob forte autoridade do pai. Ele decide fugir de casa por não aceitar as regras impostas pelo patriarca da família, representando na obra o comportamento patriarcal.

Segundo o dicionário online de português patriarcalismo conceitua “modo de vida de patriarca, chefe de família ou pessoa mais velha a quem se deve respeito. Poder ou influência social do patriarca; refere-se ao chefe de família, à pessoa mais velha ou fundadora de uma ordem religiosa”. Entende-se que patriarcalismo vem de uma cultura, algo que foi cultivado, e de acordo ainda com o mesmo dicionário cultura é o “conjunto dos hábitos sociais e religiosos, das manifestações intelectuais e artísticas, que caracteriza uma sociedade: cultura inca; a cultura helenística. Ação, efeito ou modo usado para tratar a terra ou as plantas; cultivo.”

Assim sendo o patriarcalismo possui raízes históricas culturais e está presente desde os tempos antigos, principalmente nas sociedades greco-romanas e na hebraica, em junção de sociedade e política grega com a religião hebraica, que é conhecida por o homem está à frente da família e da igreja, e que se perpetuam até os dias atuais.

A cultura imposta por tradição, em que o homem deve estar à frente de todos os seguimentos da sociedade, conduz à supremacia do homem nas relações sociais, seja no meio familiar como também nas relações política, militares e econômicas. E essa cultura está presente ao longo do tempo e em diversos lugares. No Brasil, o patriarcalismo teve grande influência da colonização portuguesa durante



o período colonial e imperial, onde as relações sociais e econômicas se davam no meio rural como afirma Freyre (2003, p.32):

Quando em 1532 se organizou econômica e civilmente a sociedade brasileira, já foi depois de um século inteiro de contato dos portugueses com os trópicos; de demonstrada na Índia e na África sua aptidão para a vida tropical. Mudado em São Vicente e em Pernambuco o rumo da colonização portuguesa do fácil, mercantil, para o agrícola; organizada a sociedade colonial sobre base mais sólida e em condições mais estáveis que na Índia ou nas feitorias africanas, no Brasil é que se realizaria a prova definitiva daquela aptidão. A base, a agricultura; as condições, a estabilidade patriarcal da família, a regularidade do trabalho por meio da escravidão, a união do português com a mulher índia, incorporada assim à cultura econômica e social do invasor.

Desse modo as relações econômicas estavam também relacionadas ao ser patriarcal, os homens que já eram considerados os agentes mais importantes da alta sociedade, tendo a posse das terras, da produção agrícola, dos escravos e do destino de sua família, e às mulheres restava a submissão aos seus maridos. O fato do homem branco que chega às terras brasileiras e essa habitada por índios. Que além de usar a mão de obra, abusavam das índias e das escravas, mantendo a relação de poder em que os privilégios ficavam por conta de acordos entre os senhores das terras e a classe alta. De acordo com Freyre (2003, p.17) a casa grande era símbolo de poder que demarcava o social e político, em que o homem branco patriarcal residia e o meio rural passou a ser um ambiente principal para as relações econômicas e ao mesmo tempo para as relações sociais. O romance *Lavoura Arcaica* se passa em uma fazenda, em que Pedro narra “na modorra das tardes vazias na fazenda, era um sítio lá no bosque que eu escapava aos olhos apreensivos da família; amainava a febre dos meus pés na terra úmida” (NASSAR, 2002, p. 7). O fato de ser uma família agrícola, o sustento se dava através da terra, em que o trabalho de arar e fazer a terra dá frutos dependia da união da família. Quando André fala que

O amor, a união e o trabalho de todos nós junto ao pai era uma mensagem de pureza austera guardada em nossos santuários, comungada solenemente em cada dia, fazendo o nosso desjejum matinal e o nosso livro crepuscular; sem perder de vista a claridade piedosa. (NASSAR, 2002, p.13)

Na obra está presente o modo como o pai é referenciado, de forma a entender que ele é o líder maior, por ser homem, o senhor da casa, o centro das atenções, aquele que dá a primeira e a última palavra. Na obra o pai, Iohána, é o patriarca, demonstrando em vários momentos desde a sua fala até mesmo na posição na mesa. Os traços essenciais de uma família patriarcal se baseiam na crença da existência de laços sanguíneos através de antepassado comum, mítico ou real. A transmissão hereditária da posição de chefe ou senhor é passado ao primogênito desde os tempos antigos, e na obra não é diferente. A forma como era ocupada a mesa pela família revela o pai como figura de respeito e obediência e também

Eram esses os nossos lugares à mesa na hora das refeições, ou na hora dos sermões: o pai à cabeceira; à sua direita, por ordem de idade, vinha primeiro Pedro, seguido de Rosa, Zuleika, e Huda; à sua esquerda, vinha a mãe, em seguida eu, Ana, e Lula, o caçula. O galho da direita era um desenvolvimento espontâneo do tronco, desde as raízes; já o da esquerda trazia o estigma de uma cicatriz, como se a mãe, que era por onde começava o segundo galho, fosse uma anômala, uma protuberância mórbida, um enxerto junto ao tronco talvez funesto, pela carga de afeto; podia-se quem sabe dizer que a distribuição dos lugares na mesa (eram caprichos do tempo) definia as duas linhas da família. (NASSAR, 2002, p.127)

A representatividade dos lugares à mesa expressa toda a conjuntura social do patriarcalismo em que o homem, aqui o papel do pai, ao centro da mesa preside a família, e do lado direito encontrasse o núcleo mais vinculado às tradições: Pedro, o primogênito, senta ao lado de seu pai, já que a este virá pertencer o lugar ocupado ainda pelo chefe de família, seguido de suas irmãs mais velhas. E do lado esquerdo seria o enxerto, algo que vem de fora, a mãe seguida dos filhos mais novos.

Outro personagem que retrata muito bem essa conjuntura linear da transposição da hierarquia patriarcal é o avô. Pedro menciona: “o avô, enquanto viveu, ocupou a outra cabeceira; mesmo depois da sua morte, que quase coincidiu com nossa mudança da casa velha para a nova, seria exagero dizer que sua cadeira ficou vazia” (NASSAR, 2002, p.127).

Fato esse que faz entender que o avô sempre permaneceu como uma figura importante, pois mesmo com as mudanças ninguém podia ocupar seu lugar, porque um dia ele foi o patriarca da família e também com sua autoridade e sermões, passando de pai para filho. O narrador, Pedro, em suas memórias transcreve palavras do avô:

Em memória do avô, faço este registro: ao sol e às chuvas e aos ventos, assim como a outras manifestações da natureza que faziam vingar ou destruir nossa lavoura, o avô, ao contrário dos discernimentos promíscuos do pai – em que apareciam enxertos de várias geografias, respondia sempre com um arrote tosco que valia por todas as ciências, por todas as igrejas e por todos os sermões do pai: "Maktub." ("Está escrito). (NASSAR, 2002, p 71)

A fala acima por André que faz menção ao avô em uma ligação do patriarcalismo sempre ligado à religião, pois a igreja tinha forte influência sobre a sociedade, e durante a obra se fala nos sermões do pai e que o mesmo usava parábolas bíblicas para ensinar e ao mesmo tempo usar da autoridade com seus preceitos em constituir um núcleo familiar baseado nos ensinamentos bíblicos, e fazer da sua casa um templo sagrado, assim afirma Eliade (1992, p.13-14):

O homem das sociedades arcaicas tem a tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados. Essa tendência é compreensível, pois para os "primitivos", como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência.

A união da família, o trabalho eram coisas sagradas na visão do pai. O fato de André ter fugido de casa e se entregado aos prazeres da carne em suas andanças mundanas, descontrói o que era visto como sagrado, pois para os povos mais antigos o corpo era algo sagrado, e o gerador da família sempre ensinava com seus sermões: "E me lembrei que a gente sempre ouvia nos sermões do pai que os olhos são a candeia do corpo, e que se eles eram bons é porque o corpo tinha luz, e se os olhos não eram limpos é que eles revelavam um corpo tenebroso" (NASSAR, 2002, p.7).

Entende-se que André para o pai foi um transgressor das leis ali impostas, ele desestrutura a família pela primeira vez, trazendo sofrimento a mãe e aos irmãos. Pedro, o irmão mais velho, vai pedir a André que retorne para a casa dos pais. Nesse encontro Pedro revela que está cansado das leis do pai e do próprio trabalho na fazenda, e conta a Pedro das suas aventuras com mulheres e os excessos que cometeu ao sair do núcleo familiar, contando também a sua paixão por sua irmã Ana (possivelmente este foi um dos motivos dele sair de casa, a rejeição de Ana). Após esses desabafos, André volta pra casa. O retorno do filho desgarrado, que foi

resgatado pelo irmão, foi uma alegria para a família, porém André ainda com receio teme a figura do pai como revela o relato:

[...] me levantei atordoado para encostar a porta, ao mesmo tempo em que todo aquele surto de emoções parecia ser contido pela palavra severa do chefe da família e eu ainda ouvia um silêncio carregado de vibrações e ressonâncias, quando a porta foi aberta, e a luz do meu quarto acesa, surgindo, em toda a sua majestade rústica, a figura de meu pai [...] - Abençoado o dia da tua volta! Nossa casa agonizava meu filho, mas agora já se enche de novo de alegria! (NASSAR, 2002, p122).

Esse encontro com o pai torna-se uma tortura para André. Ao sair do quarto eles se sentam à mesa dos sermões. André tenta expor para o pai o seu pensamento, seu ponto de vista, seus anseios, pede maior liberdade e um lugar de fato na mesa da família, porém essa discursão com o pai é totalmente em vão. O patriarca se coloca como irredutível e não aceita as reivindicações e tão pouco o ponto de vista do filho, para ele André estava perturbado, mais continuava as discursões até que Iohána diz:

- Cale-se! Não vem desta fonte a nossa água, não vem destas trevas a nossa luz, não é a tua palavra soberba que vai demolir agora o que levou milênios para se construir; ninguém em nossa casa há de falar com presumida profundidade, mudando o lugar das palavras, embaralhando as ideias, desintegrando as coisas numa poeira, pois aqueles que abrem demais os olhos acabam só por ficar com a própria cegueira; ninguém em nossa casa há de padecer também de um suposto e pretensioso excesso de luz, capaz como a escuridão de nos cegar; ninguém ainda em nossa casa há de dar um curso novo ao que não pode desviar, ninguém há de confundir nunca o que não pode ser confundido, a árvore que cresce e frutifica com a árvore que não dá frutos, a semente que tomba e multiplica com o grão que não germina, a nossa simplicidade de todos os dias com um pensamento que não produz; por isso, dobre a tua língua, eu já disse, nenhuma sabedoria devassa há de contaminar os modos da família! Não foi o amor, como eu pensava, mas o orgulho, o desprezo e o egoísmo que te trouxeram de volta à casa! (NASSAR, 2002, p.138-139)

As palavras do pai nesse trecho mais uma vez faz referência de que a única palavra a ser obedecida é a dele, e que os questionamentos de André não possuem valor algum, tanto é que André totalmente submisso, então, pede perdão ao pai e afirma que de agora em diante ele irá se dedicar com disciplina aos afazeres da fazenda. A princípio o pai lhe concede o perdão, após isso ele dirige-se ao quarto

do irmão caçula Lula, que revela para André que também vai fugir de casa, pois não aguenta os sermões do pai, o trabalho e nem a vigilância constante de Pedro, e Lula profere “André, vou sair de casa para abraçar o mundo, vou partir para nunca mais voltar, não vou ceder a nenhum apelo, tenho coragem, André, não vou falhar como você” (NASSAR, 2002, p.148). Nesse trecho Lula também sente revolta por viver em um sistema patriarcal sob as leis do pai, e vai tentar se aventurar como André.

O modo como o pai se coloca extremamente enfático e tenta disciplinar a família através da religiosidade, em manter a casa como um templo sagrado, em que não entre as impurezas do mundo profano, o pai é colocado no romance como homem religioso, como ressalta Eliade (1992, p.37):

A profunda nostalgia do homem religioso é habitar um “mundo divino”, ter uma casa semelhante à “casa dos deuses”, tal qual foi representada mais tarde nos templos e santuários. Em suma, essa nostalgia religiosa exprime o desejo de viver num Cosmos puro e santo, tal como era no começo, quando saiu das mãos do Criador. É a experiência do Tempo sagrado que permitirá ao homem religioso encontrar periodicamente o Cosmos tal como era in principio, no instante mítico da Criação.

O Tempo sagrado “anterior” ao instante mítico da criação, era um tempo eterno, sem início, meio e fim. O tempo que está presente na obra, o que aparece nos sermões do pai, em seus ensinamentos, é o que ele usa como forma de ensinar e mostrar que ele é responsável pela continuidade das coisas. Na obra o tempo que se apresenta é um tempo linear é uma ciclo contínuo de fatos irrepetíveis e irreversíveis, a trajetória desse tempo é limitada por uma linha histórica determinada que possui começo, meio e fim. Em que os traços históricos o perpetuam. O tempo linear é uma linha evolutiva de acontecimentos históricos incomuns. Trata se de um caminho progressivo de eventos únicos na direção ao futuro. Esse tempo é dotado de significações. O seu desenvolvimento se dá de momentos inalteráveis, sendo orientado por um propósito final:

O tempo é o maior tesouro de que um homem pode dispor; embora inconsumível, o tempo é o nosso melhor alimento; sem medida que o conheça, o tempo é contudo nosso bem de maior grandeza: não tem começo, não tem fim; é um pomo exótico que não pode ser repartido, podendo entretanto prover igualmente a todo mundo; onipresente, o tempo está em tudo; existe tempo, por exemplo, nesta mesa antiga: existiu primeiro uma terra propícia, existiu depois uma árvore secular feita de anos sossegados, e existiu finalmente uma prancha nodosa

e dura trabalhada pelas mãos de um artesão dia após dia; existe tempo nas cadeiras onde nos sentamos, nos outros móveis da família, nas paredes da nossa casa, na água que bebemos, na terra que fecunda, na semente que germina, nos frutos que colhemos, no pão em cima da mesa, na massa fértil dos nossos corpos, na luz que nos ilumina, nas coisas que nos passam pela cabeça, no pó que dissemina, assim como em tudo que nos rodeia;[...] (NASSAR, 2002, p.40-41)

Neste sermão do pai percebemos que ele fala de um tempo linear que é precedido de acontecimentos sucessivos em longo prazo e que tem um objetivo final e que as coisas se processam seguindo uma lógica. Já para Walter Benjamin o tempo não é contínuo, ele rompe essa continuidade, ele é feito de transformações históricas, em que o passado faz parte dessas “A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido” (BENJAMIN, 1985, p. 224).

Entende-se que é impossível nos dissociar do nosso passado, vez essa que o nosso agora traz marcas do ontem. É um tempo que surge repentinamente e que traz em si as marcas do passado. Walter Benjamin afirma que o fato do tempo estar articulado historicamente não significa que o conhecemos como tudo aconteceu, mas que podemos tomar para nós uma memória do passado “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi” significa apropriar-se de uma reminiscência tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1985, p. 224).

A terra, o trigo, o pão, a mesa, a família (a terra); existe neste ciclo, dizia o pai nos seus sermões, amor, trabalho, tempo. O tempo, o tempo, o tempo e suas águas inflamáveis, esse rio largo que não cansa de correr, lento e sinuoso, ele próprio conhecendo seus caminhos, recolhendo e filtrando de várias direções o caldo turvo dos afluentes e o sangue ruivo de outros canais para com eles construir a razão mística da história, sempre tolerante, pobres e confusos instrumentos, com a vaidade dos que reclamam o mérito de dar-lhe o curso, não cabendo contudo competir com ele o leito em que há de fluir, cabendo menos ainda a cada um correr contra a corrente, aí daquele, dizia o pai, que tenta deter com as mãos seu movimento: será consumido por suas águas; aí daquele, aprendiz de feiticeiro, que abre a camisa para um confronto: há de sucumbir em suas chamas, que toda mudança, antes de ousar proferir o nome, não pode ser mais que insinuada; o tempo, o tempo, o tempo e suas mudanças, sempre cioso da obra maior, e, atento ao acabamento, sempre zeloso do concerto menor. (NASSAR, 2002, p.150-151)

Ao observamos esse sermão ele foge do tempo que Benjamim considera um tempo do agora que traz marcas do ontem, pois nele há marcas de um tempo contínuo quando ele se refere a terra, ao trigo, ao pão, a mesa e a família, há um ciclo em que há começo, meio e fim, essa percepção de tempo em que uma coisa se coloca após outra que seu destino é um só é totalmente diferente do que Benjamim entende ser o tempo:

Certamente, os adivinhos que interrogavam o tempo para saber o que ele ocultava em seu seio não o experimentavam nem como vazio nem como homogêneo. Quem tem em mente esse fato, poderá talvez ter uma ideia de como o tempo passado é vivido na rememoração: nem vazio, nem como homogêneo. (BENJAMIN, 1985, p. 224).

O tempo que é falado pelo autor ocorre pelos acontecimentos históricos, sendo eles responsáveis pelas transformações da sociedade, e não de forma linear seguem uma sequência. Ele acredita que o que aconteceu há tempos atrás são consideradas verdades e que o que foi vivido não pode ser perdido para história. Assim esse tempo se volta a ações que se transformam de acordo com as mudanças históricas. “A “história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de” agoras”.” (BENJAMIN, 1985, p. 229). Esse tempo aqui tratado expressa que cada momento vivido transforma-se em presente .

E no romance *Lavoura Arcaica*, em que o tempo é representado nos sermões como forma de ensinamento, o fato dele usar as sequências da terra, do cultivar, colher o alimento na mesa e família, mostra que uma coisa precede a outra, representando assim o tempo linear e cronológico.

Apesar do pai sempre ter procurado seguir os ensinamentos dos antepassados e da religião estar sempre presente nessa casa, não impediu que houvesse oposições aos seus ensinamentos. Uma caixa foi trazida por André com quinquilharias que ganhou das prostitutas em suas andanças. Na festa preparada para comemorar o retorno de André, sua irmã Ana aparece enfeitada com esses adereços e dançando de forma sexual, sua última dança, pois Pedro ao vê-la com uma dança ousada sussurra no ouvido do pai que André nutre uma paixão por Ana e a tragédia instala-se na família. André narra esse episódio:

[...] e eu de pé vi meu irmão mais tresloucado ainda ao descobrir o pai, disparando até ele, agarrando-lhe o braço, puxando-o num arranco, sacudindo-o pelos ombros, vociferando uma sombria revelação, semeando nas suas ouças uma semente insana, era a ferida de tão doída, [...] o alfanje estava ao alcance de sua mão, e, fendendo o grupo com a rajada de sua ira, meu pai atingiu com um só golpe a dançarina oriental (que vermelho mais pressuposto, que silêncio mais cavo, que frieza mais torpe nos meus olhos!), não teria a mesma gravidade se uma ovelha se inflamasse, ou se outro membro qualquer do rebanho caísse exasperado, mas era o próprio patriarca, ferido nos seus preceitos, que fora possuído de cólera divina (pobre pai!), era o guia, era a tábua solene, era a lei que se incendiava.

Percebe-se que André faz referência ao pai como patriarca, sentido esse que o pai ao matar a filha desconstrói todos os ensinamentos. Ali Ana foi vista como um ser que desestruturaria a ordem familiar, em seu momento de raiva e revolta ele foge de seus preceitos religiosos, em que sempre falava nos seus sermões de amor e união. A família entra em desespero, gritos são entoados pela mãe, pelas irmãs. Nesse momento, sim, há uma desintegração total da família, de um lado a filha morta e do outro o considerado pilar central da família, pai, marido que também morre, abre um espaço de solidão, e de enfraquecimento da família: “e vi a mãe, perdida no seu juízo, arrancando punhados de cabelo, descobrindo grotescamente as coxas, expondo as cordas roxas das varizes, batendo a pedra do punho contra o peito lohána! lohána! lohána!” (NASSAR, 2002, p.160). Assim a família agrícola que sempre esteve centrada na figura do homem, o pai como figura em destaque, supõe que a queda do pai corrobora com desestruturação desse núcleo familiar.



## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre a obra *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar nos revelou que a mesma transita entre a poesia e a prosa e que nesse constructo histórico emergem conflitos em uma família por conta da figura do pai e o forte comportamento patriarcal.

Diante disso, a pesquisa se debruçou sobre a representatividade do patriarcalismo na figura do pai. Constatou-se que o patriarcalismo esteve presente durante toda a obra na figura do chefe maior o pai, que trazia em si o modo de vida patriarcal como o senhor maior da família.

Desta maneira foi possível também apresentar conceitos acerca do patriarcalismo e como o mesmo chegou ao Brasil. Percebemos que emerge da obra essa relação do Brasil patriarcalista que se volta ao meio rural, que nessa obra narra-se um espaço rural e o pai como ser supremo que demonstra esse poder em suas falas e posições.

Além disso, encontramos a relação do patriarcalismo e o tempo dentro da obra na qual foram colocadas as experiências temporais e históricas atreladas aos sermões do pai, em que permitiu que se realizasse a analogia entre o tempo linear cronológico presente na obra e tempo histórico de Walter Benjamin.

Percebemos também que a obra *Lavoura Arcaica* tem uma construção diferente e interessante, um belo uso da língua portuguesa e trata de assuntos atuais. É importante mencionar que sua leitura no início (*A partida*) é um pouco confusa, mais na segunda parte (*O retorno*) ele se torna mais coerente. É uma obra de leitura muito prazerosa e que vale a pena conhecê-la e se identificar com a mesma com temas que estão muito presentes nos dias atuais.

Esperamos que esse trabalho possa contribuir para que a obra seja mais conhecida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo, Brasiliense, 1987.

CULTURA. **Dicionário online de português**. Disponível: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em 22 set. 2019.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**; [tradução Rogério Fernandes]. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

NASSAR, Raduan. **Lavoura arcaica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PATRIARCALISMO. **Dicionário online de português**. Disponível: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em 22 set. 2019.

RADUAN NASSAR . In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Raduan\\_Nassar](https://pt.wikipedia.org/wiki/Raduan_Nassar). Acesso em: 22 Set. 2019.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte”. **Diálogos Educacionais**, v. 6, n. 6, p. 37–50, 2006.

---